

## PEQUENAS PERCEPÇÕES, GRANDES MUDANÇAS

Sobre a solidão, o tédio e a angústia dos jovens na era das altas tecnologias<sup>1</sup>

SMALL PERCEPTIONS, BIG CHANGES.

About loneliness, boredom, the anguish of young people in the technological age.

Ciro Marcondes Filho<sup>2</sup>

**Resumo:** *Este ensaio busca demonstrar que as pequenas percepções, a investigação em torno das intensidades e a busca de formas e movimentos compõem uma genuína investigação comunicacional de fundo. A partir dessas proposições, apresenta o resultado de pesquisas comunicacionais realizadas por estudantes-pesquisadores movidos pelo "quase-método" da investigação acadêmica, onde se constata que um quadro mais fiel do momento de vida que esses estudantes estão passando – sensação de não-integração, solidão, mal-estar, mas também aconchego, calor humano, dedicação ao outro – é passível de ser obtido principalmente por procedimentos de estudo em que seja facilitada a irrupção do mais profundo de suas almas. Dificilmente outros tipos de pesquisa poderiam alcançar níveis tão sinceros de exposição.*

**Palavras-Chave:** *pequenas percepções, tecnologias comunicacionais, isolamento, alteridade, acontecimento comunicacional*

**Abstract:** *This essay seeks to demonstrate that small perceptions, research around the intensities and the search for forms and movements make up a genuine background of communication research. Based on these propositions, it presents the results of communicational research carried out by students-researchers driven by the "quasi-method" of academic research, which shows that a more faithful picture of the moment of life that these students are going through - a feeling of non-integration, loneliness, malaise, but also warmth, dedication to the other - is likely to be obtained mainly by study procedures in which the irruption of the deepest souls is facilitated. Other types of research could hardly achieve such sincere levels of exposure.*

**Keywords:** *small perceptions, communicational technologies, isolation, alterity, communicational event*

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte - MG, 05 a 08 de junho de 2018.

<sup>2</sup> Professor titular da ECA-USP, [cjmfilh@usp.br](mailto:cjmfilh@usp.br)

## ***I. Das pequenas percepções***

Comunicação só ocorre quando o círculo se fecha. Produzir um objeto cultural, proferir uma conferência, tentar fazer o outro saber o que se passa com a gente são intencionalidades que não são nada se não tiverem a capacidade de repercutir na interioridade do outro. Por isso, cabe, acima de tudo, pesquisar que interferências são produzidas naquele que vivencia a experiência de um acontecimento comunicacional a partir do contato com a alteridade desse objeto ou dessa pessoa.

Mas, para isso, cabe, antes de mais nada, desfazer alguns equívocos persistentes na área. O primeiro é a aposta nos objetos visíveis e palpáveis, herança recorrente de um positivismo canhestro ainda presente em nossa era. O antídoto vem muito antes de Comte, certamente com Leibniz, que busca operar, no processo da comunicação, com as pequenas percepções, esses fatos microscópicos e sutis, que, não obstante, produzem grandes mudanças em nós. Elas passam a nos constituir, diz ele; são eficazes, produzem em nós inquietações de efeitos notáveis [LEIBNIZ, 1705/1996, p. 7-10].

Outro equívoco é a aposta no processo de significação. O nível semântico, na maioria dos casos, é insuficiente, visto que opera-se aí uma perda do acontecimento em prol de uma estrutura, como já apontava Massumi [2002, p. 26]. Ora, a estrutura é o campo onde nada efetivamente acontece; já, no evento, nada é nem pode ser programado. É que a cognição, nosso processo cognitivo, não está na mente mas no corpo, e na forma como o corpo assimila o mundo externo. É lá que está o campo das oposições paradoxais. Por isso, ele investe nas intensidades e não nos conteúdos, porque somente elas são processos não-lineares.

Como sentimos o rosto ou o corpo do outro? Temos aí aquilo que Gil chama de *significações mudas* e transformações que transcendem em muito o verbal. As pequenas percepções têm a ver com formas e movimentos. Percebem-se *forças* [GIL, 2005, p. 18], elas são “a forma de uma força”, diz ele. E o que as mede é a intensidade de como ela nos atinge.

A forma de uma força é, por exemplo, o *clima* de um poema, diz ele. A arte, assim como a comunicação, modifica e perturba a ordem do mundo, são manifestações de uma potência [idem, p. 278].

Uma comunicação jamais ocorre se o atingido for demasiadamente apegado a convenções, indolente ou preguiçoso, como fala Dewey a respeito da arte como experiência [DEWEY, 1934/2005, p. 111]. Isso quer dizer, terceiro equívoco, que não é verdade que qualquer coisa comunique. Nossa rotina não tem nada de comunicacional, simplesmente repetimos procedimentos e senhas. Para ocorrer comunicação, é preciso uma certa “reconstrução”, que pode ser mesmo dolorosa, diz o pensador norte-americano. No caso da estética, a experiência com ela porta um sofrimento que, não obstante, não é incompatível com o prazer [idem, p. 90].

Um quarto equívoco acredita que a comunicação seja um fato imediato. Ora, fatos imediatos são campo da psicologia comportamental, que opera com reações instantâneas e irracionais, como, por exemplo, as da estratégia publicitária, da imprensa reprodutora de clichês, dos arregimentadores de fanáticos. Comunicação, ao contrário, exige tempo de maturação. Trata-se de algo que se desenvolve: no teatro ou na literatura, acompanha-se a progressão da intriga, “e uma intriga necessita de uma cena, um espaço para se construir, da mesma forma que de um tempo para se desenrolar. A experiência é emocional mas não é feita de uma série de emoções separadas” (Idem, p. 91). Conhecemos isso de Bergson, mas Dewey prefere tratá-la como *organização dinâmica*.

Há um consenso em torno disso – da temporalidade necessária, do estremecimento por vezes doloroso – que já vem de Espinosa, quando fala, comentando a afecção, que somos sacudidos por causas exteriores [ESPINOSA, 1663/1983, p. 211]. Mas o mais importante de Espinosa, no caso da comunicação, é a refutação *avant la lettre* que ele faz das teorias correntes, especialmente as da recepção, que – operando com levantamentos quantitativos, estatísticos, genéricos - sugerem que todos sentimos as coisas da mesma forma. Para ele, assim como para nós, ao contrário, homens diferentes podem ser diversamente afetados por um só e mesmo objeto [idem, p. 204].

Nos jovens, as inquietações afloram por si mesmas. Não são modelos empíricos nem o distanciamento sujeito-objeto que terão as melhores chances de identificá-las. Procurar as pequenas percepções acaba sendo um instrumento bem-vindo, bastando, para isso, atenção e imersão na situação de pesquisa. Quando deixados a si mesmos para que se manifestem, eles não apenas sentem mas exprimem com inigualável nitidez suas angústias, suas preocupações, seus medos e dissabores. É preciso, portanto, criar condições para que isso possa acontecer.

Da mesma forma que na metafenomenologia de Gil, nossos pesquisadores, vivenciando o fato, são forçados a ver de um ponto de vista diferente [GIL, 2005, p. 291], expondo a ferida, fazendo aflorar os dramas – a tal da reconstrução dolorosa de Dewey -, assim como, naturalmente, vivenciando os prazeres e as fortes emoções.

Mas, afinal, que dilemas constituem hoje o drama dos jovens e como eles se articulam comunicacionalmente a ponto de produzir resultados apreciáveis para um saber da comunicação? Tédio, angústia, solidão, incertezas perante a vida profissional, diante de seu próprio existir são marcas presentes nessa juventude universitária. E, não por acaso, em nossa instituição de ensino, vários grupos se dispuseram a questionar sua própria dependência dos aparelhos celulares e das redes sociais, o quanto isso os angustia, ao mesmo tempo, em que se constata a impossibilidade de ruptura com os mesmos.

O quase-método foi seu guia de observação. Como diz Massumi, adotando algo parecido, “você não sabe aonde vai chegar, caso contrário, não há surpresa, é preciso deixar-se apanhar no fluxo” [MASSUMI, 2002, p. 18]. Para tanto, estes pesquisadores estabeleceram, por conta própria, uma espécie de *retiro estratégico* de sua dependência, buscando, em algum lugar, o resgate de uma humanidade perdida ou abafada. E, com isso, vieram à luz dilemas outros, como o da solidão, do engodo comunicacional desses aparelhos, e a necessidade de reencontro com o outro, cada vez mais ignorado.

Outros grupos impuseram-se pena semelhante, tentando sentir como a sociedade se relaciona com as pessoas sós, especialmente em situações grupais ou coletivas. Outros ainda, em contato com pessoas de idade avançada, começaram a questionar-se a si mesmos sobre seu estilo de vida e sua existência.

Mas, tanto na vivência sem redes sociais e sem celulares, quando no recolhimento de pessoas em espaços comuns privados, bem como na visita a ambientes tidos como “seletos”, há campo para a irrupção de sensações inesperadas e muitas vezes chocantes, como se verá nos relatos a seguir. Afinal, que sociedade é esta que abastece a todos com dispositivos móveis de fácil conexão e que, ao mesmo tempo, os relega a esse estado traumático de angústia e frustração? A resposta não virá dessas pesquisas, pois, o que mais importa aqui, efetivamente, não são as respostas mas as perguntas levantadas.

### *1. “Que ideia magnífica a de vocês!”*

Ficar sem redes sociais por uma semana foi um exercício voluntariamente masoquista de vários estudantes em 2017. Houve, inicialmente, um desencontro com a temporalidade convencional: o dia parecia durar muito mais do que o normal, parecia ter mais de trinta horas... “Uma sensação estranha de incômodo, procurava-se um livro, uma revista, mas, mesmo estes irritavam, pois ficava-se pensando no quanto eu queria estar olhado o facebook ou conversando com alguém no instagram” (PRADA, 2017, p. 7).

E a tentação sondava a todos: em meio a quatro jovens trancafiados num quarto durante horas, um ou outro, quase automaticamente, acabava por pegar o celular, mesmo não podendo usá-lo. “É preciso checar o celular” era a frase que torturava as cabeças, quase como uma viciosidade doentia, mesmo se sabendo de antemão que não haveria nada de novo: “você desbloqueia a tela como quem abre a geladeira, e, da mesma forma, já sabe o conteúdo dela porque a abriu há pouco” (CASTRO, 2017, p. 4).

Jovens não conseguem se separar de seus celulares, de suas redes sociais. São seu escasso e miserável contato com o mundo. Talvez, no passado, jovens também se sentissem isolados, mas a solidão atual parece ser mais cruel, mais desumana, pois não se trata apenas de ausência de comunicação real com o outro mas de incapacidade para a comunicação numa sociedade que dispõe de todos os recursos para tanto, o que os torna, sem dúvida, ainda mais chantageados e mais fracassados.

Mas, o que quatro pessoas reunidas num quarto podem fazer quando estão, uma diante da outra, como que nuas, despidas de seus aparelhos? Quase nada. “É cada vez mais difícil para jovens conectados passar umas boas (e longas) horas sem manusear o celular” (CARDOSO, 2017, p. 4). É também o que acha Patrícia Salles:

A comunicação é muito difícil. Sempre foi, é parte de sua essência, porém hoje talvez seja mais complicada ainda, já que a atenção é muito difusa. É difícil se entregar totalmente a uma conversa, a um filme, a uma exposição, qualquer coisa que seja enquanto sentimos o celular vibrando no bolso. (SALLES, 2017, p. 11)

Em verdade, preferimos nos relacionar com seres míticos, imagens, figuras auráticas. Porque elas, mesmo próximas, estão distantes de nós, como descreve Walter Benjamin. Desfazer a aura é restituir vida a esse ser, é deixar-lhe simplesmente “ser”, e isso nos desconforta. Os equipamentos eletrônicos obtiveram grande aceitação porque facilitam esse des-contato, essa construção do outro como algo imaginário, que, entretanto, quando em presença, nos atira no abismo.

Ou seja, a comunicação eletrônica é uma anticomunicação. Vivenciando esse experimento, os jovens refletem e se questionam o quanto estão perdendo quando ficam atentos à tela o tempo todo. Efetivamente, notam eles, há perdas e são sentidas, mas vive-se com elas, como se fossem um mal necessário.

Com o decorrer da experiência, o desespero vai se amainando. No terceiro dia de autossacrifício, eles sentem, pela primeira vez, não ter tanto a urgência de mexer no celular, a angústia vai acalmando. Eles começam a constatar que “boa parte do tempo que passamos nas redes sociais é inútil e pode ser aproveitado de outras formas” (LUCENA, 2017, p. 23). Tem-se, assim, no distanciamento eletrônico, a visibilidade de uma perda e a chance de recuperar vivências.

Tornam-se visíveis, também, nessa experiência, as reais dificuldades que hoje jovens têm com o outro em situações presenciais. Final do dia, Maria Paula de Andrade sentia-se extremamente exausta ao chegar em casa e tudo o que tinha feito foi ficar sentada por três horas em cima de uma cama conversando, mas parecia muito mais, diz ela. Sentia-se

psicologicamente cansada. É como se a companhia pura e simples de outras pessoas, como diz também Renato Navarro, não os deixasse à vontade. Os aparelhos desviam-nos da necessidade (e do interesse) no outro.

Os jovens pouco se tocam, pouco se olham, pouco se falam. Uma espécie de cortina os mantém preservados dessas percepções que, rebatendo contra uma epiderme extremamente porosa, é vigorosamente capaz de feri-la. A época atual parece ter removido as defesas e os tornado crustáceos sem carcaça, vulneráveis a qualquer troca de percepções do outro. O processo que levou a não se falarem é complementado pela escrita. *Facebook*, *Twitter*, *Whatsapp* são plataformas de escrita, de pouca escrita, que podem contemplar imagens e vídeos, mas o áudio só aparece gravado, isto é, sem interlocução real. Tudo que é humano me é estranho poderia ser o mote dos tempos atuais.

Falou-se sobre as conversas no Whatsapp, no Facebook, e agora, com os aparelhos desligados, era como se “nosso real precisasse dar satisfações ao eu virtual”, comenta Matheus Souza: “Pouco antes, eu tinha feito exatamente isso: questionei o Renato sobre por que a pessoa que ele apresenta nas redes sociais me parece tão distante de quem eu vejo quando falo com ele pessoalmente” (Souza, 2017, p. 12). Há como que um descolamento entre o ser presencial (desconhecido, assustador) e o ser virtual, aquele que se pretende mostrar.

De qualquer forma, a incapacidade de lidar com a presença do outro “em si mesmo”, sem aparelhos, remetia à angústia do silêncio:

O silêncio revelou muito mais de cada um do que o que foi dito. E meu medo era exatamente esse. O meu medo não era o objeto que estava em minha frente. Não era o passado e ações que o objeto representava o que me assustava. Não era o julgamento que os outros teriam de mim e do meu passado. Não era a falta de uma possível empatia ou compreensão. Meu medo não era nada que algum dos participantes poderia causar em mim. O meu maior medo não era nada que previ antes ou algo que percebi no momento. Eu tinha medo do nada e do todo. Meu medo era o silêncio. Meu medo era o fato de que o silêncio revelava muito mais de mim do que as coisas que eu dizia. (NOSSIG, 2017, p. 5).

Há pessoas que são ativas, muito ativas, e essa produtividade alucinante sugere um desespero em não querer encarar o vazio. Até aí, nada de novo. Mas o vazio, a pausa, o silêncio são, acima de tudo, instâncias de não ocupação, de não preenchimento, de não esgotamento. Em princípio, são momentos que se abrem à criatividade e permitem o surgimento do novo. O vazio, enquanto desmarcado, é parente próximo do não pensado, daquilo que transcende o conhecido e nos atira na obscuridade do forasteiro, do desconcertante, de tudo aquilo que – a partir da provocação externa – sequer era imaginado em nossa instável estabilidade.

Mas com o passar dos dias o fenômeno das experiências sem aparelhos nem redes vai mudando de rosto, algo novo e interessante se vislumbra. Os jovens começam a experienciar situações até então aparentemente perdidas: o contato com os próprios pensamentos, a interação consigo mesmos, a “descoberta” da antiga amiga, da mãe, do pai, da avó...

Sem celular e sem redes a vida passa mais devagar, comentam eles. Beatriz Castro reconhece que agora pôde dar mais atenção ao namorado; Beatriz Gatti, não podendo acionar o celular, resolve fazer um telefonema para sua avó e lhe conta da experiência a que se está submetendo. A avó fica contente, muito animada, se empolga talvez mais do que ela: “Que ideia magnífica a de vocês!”

Com Vinicius Lucena, o efeito se dá com sua mãe, que o acompanha ao hospital numa crise de gastrite que o acomete. Uma vez em casa, no sofá, entediado por estar sem seu celular, não conseguindo sequer tocar seu violão, sua mãe identifica logo seu mal: “Tá com vontade de mexer no celular, não é?”. De fato, a dor do distanciamento do aparelho parece maior que a de sua gastrite. A solução da mãe é trazer-lhe um álbum de fotos de formatura: “e, quase em perceber, ficamos ali a tarde inteira conversando e comentando as fotos”.

O sentimento de nostalgia é latente, e começamos a procurar mais álbuns antigos, uma caixa cheia de fotos é revelada, e nem lembrávamos da quantidade de memórias que estavam ali guardadas. Esse momento foi único na semana, talvez o ponto alto, não me lembro de nenhuma outra ocasião em que fiquei tanto tempo conversando com minha mãe, o assunto simplesmente não acabava e estávamos realmente entretidos em olhar aquelas fotos e relembrar aqueles momentos. As

redes sociais são repletas de fotos, todos os dias comentamos e curtimos diversas imagens, contudo, o Instagram nunca me proporcionaria esse momento. (LUCENA, V., 2017, p. 25)

Com Giovanni Rosas ocorre algo semelhante, quando seu pai lhe dá carona até o metrô. Desta vez, em lugar do fone de ouvido, falaram sobre o trabalho dele, carros e outros assuntos.

Curioso entre os jovens pesquisadores foi a “redescoberta” do telefone fixo, aparelho hoje quase em desuso ou praticamente desconhecido pelas novas gerações. É estranho pensar em ligações telefônicas numa geração que pouco se fala, comenta Beatriz Castro. Para essa geração, o telefone fixo é “formal demais, sério demais”. Muito pelo contrário, para Júlia Camargo, “ouvir a voz da pessoa que está do outro lado, analisar a entonação, poder soltar risadas verdadeiras e não simples “hahaha” falsos para deixar a conversa mais leve”, passou a representar um ato de “humanizar as relações”.

Stéphanie Roque acha que “ligar para a casa de alguém, para o fixo (ainda existe isso na casa das pessoas?) é muito mais íntimo do que ligar para um celular”. Isso fez com que ela se sentisse mais próxima das pessoas: “Foi bom, relativamente. O lado ruim foi que, ao me aproximar, senti que invadia. Afinal, eu liguei para a casa de alguém...”

De qualquer forma, eles sentiram que com o fixo pode-se conhecer as pessoas “mais a fundo”.

E, curiosamente, as ligações [telefônicas] talvez tenham colocado [minha amiga] no meu dia de forma inclusive diferente do que um rápido e corriqueiro contato pessoal poderia ter feito. A ideia de tê-la concentrada na minha fala, ouvindo as minhas palavras e me dizendo as dela, me contando coisas despreziosas e simples, sobre as quais talvez não dêssemos atenção em uma conversa cara a cara, pôde fazer com que eu sentisse até que a estava conhecendo melhor, mais a fundo. (CASTRO, 2017, p. 5)

E a conversa parece remeter a algo inédito...

Domingo (...) a melhor amiga da Júlia ligou para ela para falar sobre como tinha sido a prova [Exame do ENEM]. Faz quatro anos que elas são amigas e nunca tiveram o hábito de telefonar, uma para a outra. Júlia odiava falar ao telefone. Tinha vergonha de falar em público e as pessoas ouvirem a conversa, também não gostava da sua voz e achava que não conseguia ser clara com o que queria dizer quando falava, sempre achou que era melhor com as palavras quando escrevia. Mas ela precisava se comunicar e se deixou levar na conversa. Elas ficaram por mais de uma hora conversando sobre a vida e um assunto puxava o outro. Falaram sobre relacionamentos, vestibulares, viagens, faculdade, pais, jogaram conversa fora. *Em quatro anos de amizade, nunca haviam ficado uma hora no telefone, era algo inédito.* (CAMARGO, 2017, p. 17, grifo nosso).

## **II. As relações com os colegas são tóxicas**

Mas nem todas as revelações ou descobertas são prazerosas. No encontro face a face, sem os desvios dos aparelhos, brotam os mal-estares da cultura dos jovens. Eles comentam sobre a faculdade e, cada um à sua maneira, acabava dizendo coisas semelhantes, que não se sentiam pertencentes a nenhum nicho específico, que muitas vezes se sentiam deslocados: “Eu não imaginava que pessoas tão próximas se sentissem da mesma forma que eu, e que eu não fizesse ideia disso”, comenta Maria Paula de Andrade. O quanto o ambiente da faculdade (ECA-USP) exige deles para serem aceitos, “o quanto as relações sociais criadas ali podem ser tóxicas, e isso à custa das pessoas” (SOUZA, 2017, p. 12)

Visitando uma exposição de Renato Russo, também como uma proposta de pesquisa metapórica, Kaique Canalle impressionou-se com a frase *They think I'm one of them*, que mexeu com ele sobremaneira. Como assim, um artista de tanto sucesso com essa sensação de não-pertencimento a um grupo, inclusive de seus fãs? Essa sensação, continua Kaique, dialogava com algo em seu interior, visto que, também ele, raramente tinha sido capaz de se sentir plenamente integrado a um grupo, seja na família, na escola ou na universidade (CANALLE, 2017, p. 8).

Nos agrupamentos de jovens universitários há a sensação de entrosamento, coleguismo, cumplicidade. Mas, por baixo dessa camada, possivelmente ilusória, está o estranhamento. A

toxicidade das relações sugere uma sociabilidade forçada e chantagista. Espécie de fachada para si mesmos e para sublimarem uma distância real.

As diversas pesquisas vivenciadas pelos estudantes falavam sobre os danos da comunicação eletrônica por eles mesmos vivenciados. Acreditam que a percepção é afetada pela constante imersão deles no universo digital e que isso os afasta do mundo (CASTRO, 2017, p. 8). De certo que viver sem internet ou celular é impraticável nos dias atuais, mas eles reconhecem que pensar sobre isso é necessário: “o quanto dele [do celular] de fato é útil de alguma forma para nós, em que medida não estamos nos privando de experiências reais” (SALLES, 2017, p. 10). Beatriz Castro, por outro lado, acredita que “a fragmentação impede a percepção da fluidez da fala, da mudança de assuntos, das reações espontâneas. Me questiono qual é, de fato, a parcela dessa amizade que é sustentada por essas mensagens” (CASTRO, 2017, p. 7).

Terminados os experimentos, os estudantes retornar à vida “normal”, com suas redes sociais e seus telefones celulares em plena função. E agora, após terem vivenciado a pesquisa a que eles mesmos se propuseram, têm a visão mais clara do contraste:

Voltei às redes horas antes do completar de uma semana e, aí, me senti fraca. Me senti superficial. Fiquei triste. Fiquei ansiosa para poder checar as mensagens e notificações, mesmo sabendo que depois de vê-las minha vida continuaria igual. E a decepção nos segue nesse mundo virtual. Você espera, e espera, e espera. E não vem nada. Você fica esperando por mensagens legais, de pessoas inesperadas, quando, na verdade, não se tem nada além de assuntos sérios, corriqueiros e pouco emocionantes. (CASTRO, 2017, p. 8)

### ***III. Uma zebra no meio dos cavalos***

Um grupo de pesquisadoras resolveu estudar o comportamento dos outros diante de situações de solidão: como o outro reage perante a presença de uma pessoa só em lugares públicos. No caso, os espaços escolhidos incluíam restaurante, bar, circo e teatro. Uma pessoa só no circo, por exemplo, foi sentida por Bruna Diseró como a de um elemento estranho, “uma zebra no meio de cavalos do estábulo” (DISERÓ, 2017, p. 3). Num restaurante, a pessoa só é objeto de olhares estranhos por parte daqueles que com ela dividiam a mesa, como sendo “um ser de

outra espécie”, comenta Giovanna Simonetti. Para esta última, gestos aparentemente inconsequentes, como as carícias de um casal ao seu lado, repercutiam como uma violência e a impeliam a abandonar imediatamente o local.

Na visita ao espetáculo circense, Bruna Diseró disse sentir-se invisível. Alguém ao seu lado necessitava de uma pessoa que lhe tirasse uma foto mas simplesmente ignorou a presença da pesquisadora. Mas, mesmo sentindo-se da mesma forma aparentemente invisível, quando visitou uma peça teatral, a pesquisadora Gabriela Teixeira vivenciou o paradoxo de sendo ignorada pelos demais, ao mesmo tempo, incomodá-los, chamando a atenção deles e sendo julgada (TEIXEIRA, 2017, p. 6-7). Algo como “você inibiabilizam a minha presença mas, mesmo assim, ela os incomoda”.

Comentado [L1]: o

Singularmente, mesmo com a toxidade das relações ou com a sociabilidade muitas vezes forjada, o ambiente de interação social é desumano diante dos solitários, figuras invisíveis para o comportamento grupal mas insuportavelmente visíveis quando põem a nu a solidão real daqueles que estão em grupo: *Prefiro não vê-la, pois sua presença desperta em mim os fantasmas do meu próprio desespero e de meu estranhamento no mundo.*

Nesse mesmo lugar, a pesquisadora percebe que não é a única nessa situação. Há uma mulher que se senta ao seu lado e retira um livro para ler, mas subitamente se retira, criando um estranho laço de fugaz pseudocumplicidade, visto que deixa, atrás de si, uma sensação de perda...

Maria Clara Rossini praticou o ato de estar só num bar de Pinheiros. Apesar de determinada a viver a experiência dos solitários, ela, observando casais e grupos de amigos na rua, mesmo assim, sentia a estranha sensação de querer que alguém aparecesse para salvá-la da solidão. Como no caso do restaurante, o garçom, com visível pena, lhe perguntava se não iria chegar mais ninguém. Ou seja, ela não tinha o direito de estar só num bar sem despertar automaticamente o clichê de pena no outro. O estereótipo de que esperava por alguém e havia sido abandonada acabava sendo ativado automaticamente pelo outro.

Como uma forma de projeção, a pesquisadora acabou transferindo à sua própria existência a experiência metapórica do bar: “senti que estava sozinha em toda minha vida” (ROSSINI, 2017, P. 15-17), o acontecimento comunicacional ocorreu, segundo ela, pela depressão e pela solidão que nela evocaram sentimentos de sua interioridade: “precisei de um tempo para me recuperar e de um período de incubação de uma semana para conseguir começar a escrever o relato metapórico. A depressão se tornou cada vez mais forte até que eu não visse mais sentido em continuar ali” (idem).

Sentimento similar provou Gabriela Teixeira no teatro quando alguém, atrás dela, falou: “Eu não disse que essa menina veio sozinha?” Como se um raio a tivesse atingido, ela buscou sem sucesso o autor da fala e indignou-se, questionando: com que direito estariam falando dela? Teria sido imaginação, paranoia? O fato de vivenciar por si mesma o dilema dos solitários a revoltou, levando-a desesperadamente à pulsão de fuga: “De qualquer forma, sinto vontade de chorar. Estou mesmo sozinha e não gosto disso. Quero ir embora, quero fugir. É possível fugir da solidão quando, no fundo, estamos todos sós?” (TEIXEIRA, 2017, P. 8).

As experiências das meninas vivenciando na própria pele a reclusão voluntária remete, da mesma forma que o grupo que se encerrou no quarto, à questão tanto do silêncio expressivo do outro quando do reflexo disso sobre sua própria existência: “Por mais incrível que pareça, no silêncio as pessoas falam. (...) Existe uma grande incoerência apresentada pela comunicação, porque para cada indivíduo, sua própria revelação o choca mais do que a revelação feita pelo outro” (NOSSIG, 2017, p. 3-4)

#### ***IV. Somos filhas que vomitam as feridas dos pais***

Alguns estudantes se reuniram para falar da música de suas vidas e das reverberações psíquicas motivadas pela lembrança e pelos traumas ali envolvidos:

Em lágrimas, iniciamos uma conversa sobre traumas familiares e sobre o quanto os buracos alheios nos afetavam. Tudo ali me tocou. Eu senti todos os meus buracos sendo cutucados com pontas afiadas, mas eu não estava sozinha. Nenhum de nós estava. O clima era melancólico como a música. Por alguns minutos, antes e depois do *play*, estávamos alinhados e imersos. Esqueci um pouco o vazio, porque percebi

que todos ali tinham buracos. Terminei com medo de como esse buraco poderia ser determinante (OLIVEIRA, 2017, P. 10).

Não raro, o trauma da vida dos jovens era a experiência com os pais. E o drama de reconhecer, que, no fundo, os filhos são iguais aos pais, como comenta Larissa Santos:

‘Você é explosiva como seu pai’, ‘você é sentimental que nem sua mãe’. Eu ouvia com desprezo de algum dos dois. Mas é porque, no fundo, eu sinto que nem eles. Meu jeito, meus pensamentos, minhas decisões, têm eles. Vai além dos meus pais, porque eu carrego meus progenitores. Um frankenstein de pessoas que viveram antes de mim. Porque as gerações não mudam. Somos sempre os mesmos, com roupagens diferentes, com lutas diferentes, opiniões diferentes, mas os mesmos (SANTOS, 2017, p. 12).

A jovem descreve que, nesse momento, todo o grupo se fundiu, “somos filhas que vomitam as feridas dos pais que têm feridas e nos ferem, que limpam suas feridas com álcool e nos afastam” (idem). Diz ela que numa roda emocional, onde se chora e se fala compulsivamente, conta-se mais do que se havia planejado e vai se falando relatos pessoais que formam uma história única, uma história coesa e triste. Sobre o presente deles, diz ela, tenta-se ser diferente mas não se consegue: “nossas escolhas são sempre uma canção para não voltar, mas a gente volta, porque somos como nossos pais” (idem).

O resultado do experimento para o grupo foi o de proporcionar a coesão, sintoma explícito da carência de vínculos emocionais e afetivos nos grupos de estudantes.

Quando a música [*Marvin*] parou de tocar, a Pietra disse que também tinha se identificado com a minha história – o pai dela também tinha sofrido muito ao perder o pai. Aqui, mais uma vez, senti aquilo de se colocar no lugar do outro durante essa experiência. Nós ainda estávamos secando nossas lágrimas por conta de tudo que ouvimos ali, mas já era possível saber, de alguma forma, que havíamos ficado muito próximas. Eu nunca mais vou ouvir essas músicas da mesma maneira que eu ouvia antes. De certa maneira, parece que o significado que cada música de cada pessoa no meu grupo tinha individualmente foi transferido para o grupo inteiro naquele momento. Como se as vivências do outro com a música fossem agora vivências do grupo inteiro (MELO, 2017, p. 15-16).

E, de fato, como sugere Georges Bataille, é nas ocasiões de vivência coletiva de um mesmo fato carregado de forte emoção que a comunicação ocorre, para ele, como uma espécie de energia coletiva que aproxima e atrela corpos e almas sem precisar de palavras (Bataille, 1943, p. 102).

#### ***V. Saí mais desprezível e insignificante do que entrei***

Fazer uma visita à Sala São Paulo ou ao Teatro Municipal pareceu um desafio menor: afinal, ter contato mais próximo com a chamada música clássica poderia despertar emoções novas, uma percepção diferenciada do mundo. De fato, isso ocorreu em alguns casos, mas o acontecimento comunicacional, no caso, deslocou-se para o choque cultural entre os *habitués* desses lugares e nossas pesquisadoras.

A classe que frequenta essas salas busca ostentar, segundo elas, uma postura de quem mora em outro país: “As pessoas se vestiam de maneira extremamente luxuosa e tomavam champanhe enquanto aguardavam, como se estivessem em um teatro europeu prestes a entrar no camarote ao lado da rainha”, diz Larissa dos Santos (SANTOS, 2017, p. 25). Sensação também sentida por Giovanna Arneiro, para quem

todas aquelas pessoas sentadas, compartilhando um cigarro, conversando sobre arte, engratadas em ternos engomados era uma forma quase imoral de escapar da realidade que estava logo ali, sob nossos narizes, do lado de fora daquelas portas. Fazer parte daquele grupo me deu um pouco de náusea (ARNEIRO, 2017, p. 15).

O choque de culturas – e mesmo de ideologias, possivelmente – separava as pesquisadoras do grupo que observavam com perplexidade. Os frequentadores do teatro, e mesmo a estrutura física do ambiente, convidavam à segregação, segundo elas: “Me sinto mais deslocada [no Teatro Municipal] do que quando estive na Sala São Paulo. É tudo muito diferente da minha realidade” (FURTUNATO, 2017, P. 6).

E aqui também, como nas experiências de reclusão voluntária das pesquisadoras, o olhar ferino do outro falando através do silêncio que “aquele tipo de gente não deveria estar ali”, como relata Giovanna Arneiro:

Talvez a arquitetura padronizada do interior da Sala [São Paulo] contribuiu para fazer eu me sentir deslocada em todos seus ambientes. A tentativa de retomar uma era perdida através de altos pilares e pisos de madeira era quase cômica – mais uma forma de tentar dar à cidade um glamour provinciano e europeu que talvez nunca tenha lhe pertencido em plenitude. Tudo era intimidador, principalmente o constante olhar das pessoas de mesmo rosto dizendo que eu não deveria estar ali. (ARNEIRO, 2017, p. 15)

E não era apenas o não-pertencimento, diz ela, era algo mais, a incapacidade de pertencimento que a incomodava sobremaneira.

Ao colocar minha pesada e enlameada bota preta sobre o piso de mármore branco, logo pude notar: aquele lugar também não era para mim. Toda a sensação de não pertencimento – e, principalmente, a *incapacidade* de pertencimento – sentida na Sala São Paulo foi repetida aqui [no Teatro Municipal]. O detalhismo arquitetônico que reveste o enorme ambiente branco, vermelho e dourado, há alguns minutos anteriores ainda encantador, agora assumia uma faceta um tanto repressora. Ao lado daquelas pessoas em paletós pretos e scarpins de verniz, senti que aquele ambiente cobrava de mim uma determinada postura de minha parte, impunha que eu contivesse o volume de minha espontaneidade e vestisse o comum figurino do adulto branco de meia idade da alta classe média. Algo que, felizmente sou incapaz de fornecer. (ARNEIRO, 2017, pp. 18-19).

Schopenhauer dizia que pelo olhar eu toco o outro [1813, p. 63]. Sem encostar-lhe o dedo, eu o excludo; apenas olhando-o, eu o desclassifico. Em todos os sentidos: o ponho *fora da classe* (dos normais), atiro-o de volta à sua classe (social), como em *Família de olhos*, de Baudelaire [1869]. A ideologia burguesa não vive para o dinheiro, vive para a demonstração e para excluir o outro do convívio dos eleitos. E isso se demonstra nos carros, nas roupas, nos espaços públicos “seletos”, mas, principalmente no olhar, excrescência de mentes enrijecidas, segregadoras e totalitárias.

Mas não se pode negar, naturalmente, que as performances dos músicos e do maestro haviam sido extraordinárias, e elas o reconheceram. Como declarou Larissa dos Santos,

(...) a boa canção não é feita de ápices e do resto mas sim de constância e qualidade no todo. Imagino que essa lição possa ser aplicada à vida também. A música clássica retirou-me do meu lugar-comum de pensar em tudo e não fazer nada para me levar a outro onde posso apreciar os momentos e sentimentos em sua totalidade: tensão, calma, excitação, paixão e aventura se uniram e se separaram nessa experiência que, apesar de não ter sido inédita para mim, com certeza foi única. *Não me lembro de ter me sentido tão impactada por algo anteriormente em minha vida.* (SANTOS, 2017, p. 28, grifo nosso)

Sim, aquele era um espetáculo de perfeição, também Giovanna o reconhecia. Os músicos eram dançarinos, performando em ritmo idêntico na busca de uma perfeita simetria visual e auditiva, diz ela. O Teatro era a própria redoma da perfeição, ápice da beleza e da proporcionalidade. No entanto, constata, esse mundo se desfaz em pedaços logo que se sai do Teatro. É que nas audições busca-se um tipo de sublimação “menos em mim, que alcancei um clímax de plenitude durante a performance mas saí me sentindo mais desprezível e insignificante do que entrei” (idem, pp. 22-23).

#### ***VI. No mundo de Isaura, o tempo é um círculo sem começo nem fim***

Enfim, os jovens vivenciaram solidão, desprezo, tédio mas também momentos de satisfação, realização e reencontro. Foram experiências singulares mas esse é o espírito deste tipo de investigação acadêmica: mostrar que é a partir da vivência diferenciada de cada um que se pode avaliar a singularidade da comunicação e de seus impactos transformadores sobre nós.

Três pesquisadoras fizeram seu estágio numa casa de repouso e tiveram contato intensivo com idosas. Conheceram pessoas que há muito não eram abraçadas, que, por força da doença e da decrepitude, perderam tanto a noção de sua própria identidade quanto do tempo em que estão vivendo. “Ela via que eu estava ali, ela me olhava, mas parecia que estava vendo outra coisa. (...) Ela me olhava sorrindo, era um olhar meio perdido, meio vidrado, que eu fui aprendendo a gostar no decorrer do tempo que passei em sua companhia” (REIS, 2017, p. 6).

Convivendo com a idosa Isaura, Júlia Reis achou o diálogo com ela “muito estranho”:

(...) era como se o tempo para Isaura não se comportasse linearmente como para a maioria das pessoas. Isaura não tinha vivido o seu passado e estava vivendo o seu presente. No mundo de Isaura, o tempo parecia um círculo sem começo, meio e fim, para ela, tudo estava acontecendo ao mesmo tempo. Isaura falava da mãe e das irmãs no presente, não só como se estivessem vivas, mas como se ela fosse a Isaura jovem que ainda tinha uma mãe viva (REIS, 2017, p. 7).

E o encontro com a geração mais antiga rebateu nela de forma muito especial:

(...) essas visitas me fizeram ter consciência do *meu* tempo e de como um corpo jovem é tudo o que conheço, mas não é como estarei para sempre. Me fez ter consciência não só da minha efemeridade, mas também da fragilidade em que me encontrarei um dia e isso me deu medo (Idem).

Artur Arcon, além das reflexões de Júlia sobre o tempo dos jovens, que lhes parece infinito, e sobre seu despertar para um novo conceito de felicidade, que estaria nos pequenos detalhes, como o sorriso de Isaura, mergulhou, por sua vez, numa profunda melancolia ao fazer essa visita:

Entrar em contato com o fim da vida não é fácil. É inevitável, após tal evento, passar o resto do dia ponderando sobre sua própria vida – se tudo que você faz realmente tem algum sentido; se você vai ter alguém para cuidar de ti caso fique incapacitado quando velho (especialmente para alguém como eu, que não quer ter filhos). (ARCON, A., 2017, p. 19)

Para os jovens, o tempo é uma figura supérflua, um excedente cuja maior dificuldade é a de usá-lo. Por isso, não se angustiam diante da perda mas do desperdício. A sensação do não-estar-vivendo os desespera e remete para mais tarde o desejo de recuperar o não-vivido. Mas, até aí, só temos uma questão de contabilidade, que não gera nenhuma crise existencial. Só se sente o desafio da vida quando se começa a sentir a perda irrestituível dos anos, que vão ficando cada vez mais escassos e que não permitem qualquer resgate. Só se resolve viver quando a saúde, a força, o vigor já nos abandonaram.

\*\*\*

**[Todos os nomes citados firmaram declaração de concordância com a citação de seus nomes neste texto]**

### Referências bibliográficas

- Arcon, A. (2017) In: Arcon, Artur Q.; Reis, Júlia G. A.; Cavalcante, Rosemeire de F., *O espelho do nosso amanhã*(\*).
- Arneiro, G. (2017). In: Furtunato, Beatriz G.; Carvalho, Camila M. de.; Arneiro, Giovanna J.; Santos, Larissa V. dos. *Os concertos de música clássica como instrumento de pesquisa comunicacional*(\*).
- Bataille, Georges [1943]. A experiência interior. Trad. Celso Libânio Coutinho, Magali Montagné, Antonio Ceschin. São Paulo, Editora, Ática, 1992.
- Baudelaire, C., [1869] *Spleen de Paris*, no. 26. *Le Spleen de Paris*, seize lithographies originales de [Michèle Battut](#), Club du Livre, 1988.
- Benjamin, W. [1935] “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”. In: Benjamin, W., et al. Textos Escolhidos. Trad. José Lino Grünewald, São Paulo, Abril: O Pensadores, 1975.
- Camargo, J. (2017) In: Castro, Beatriz G. de; Arimathea, Bruna P.; Rosas, Giovanni M. de A.; Camargo, Júlia V.; Lucena, Vinicius, M. O. P. de. *Toque além da tela – uma experiência sem redes sociais*(\*).
- Canalle, K. (2017). In: Santana, Jonas e Canalle, Kaique. *A máquina do tempo em exposição*(\*).
- Cardoso, L. (2017). In: Nunes, Luccas; Cardoso, Luciana; Andrade, Maria Paula; Souza, Matheus; Navarro, Renato. *Relatos de um confinamento voluntário* (\*).
- Castro, B. (2017). In: Castro, Beatriz G. de; Arimathea, Bruna P.; Rosas, Giovanni M. de A.; Camargo, Júlia V.; Lucena, Vinicius, M. O. P. de. *Toque além da tela – uma experiência sem redes sociais*(\*).
- Dewey, John. [1934] *L’art comme expérience*. Cap. 3. “Viver uma experiência”. Paris, Gallimard. 2005 [1934].
- Diseró, B. (2017). In Diseró, Bruna; Teixeira, Gabriela; Simonetti, Giovanna; Vieira, Letícia; e Rossini, Maria Clara. *Desacompanhadas: quando a comunicação ocorre ao estar só*(\*).
- Espinosa, B., (1663/1983). *Ética*. Trad. de Joaquim de Carvalho, Joaquim Ferreira Gomes, 3ª. Ed, 1983, São Paulo: Abril Cultural [1660-63]
- Furtunato, B. (2017). In: Furtunato, Beatriz G.; Carvalho, Camila M. de.; Arneiro, Giovanna J.; Santos, Larissa V. dos. *Os concertos de música clássica como instrumento de pesquisa comunicacional*(\*).
- Gil, José. *A imagem-nua e as pequenas percepções. Estética e metafenomenologia*. Trad. Miguel Serras Pereira. 2ª. Ed. Lisboa, Relógio D’Água Editores, 2005.

- Leibniz, G. W. (1705/1966). *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Trad. Luiz João Baraúna (Original: *Nouvelles Essais sur L'Entendement Humain par l'Auteur du Système de l'Harmonie Préétablie*). Paris, Garnier-Flammarion, 1966.
- Lucena, V. (2017). In: Castro, Beatriz G. de; Arimathea, Bruna P.; Rosas, Giovanni M. de A.; Camargo, Júlia V.; Lucena, Vinicius, M. O. P. de. *Toque além da tela – uma experiência sem redes sociais*(\*).
- Massumi, Brian (2002). *Parables for the virtual. Movement, Affect, Sensation*. Durham & London, Duke Univ. press, 2002.
- Melo, A. C. (2017). In: Oliveira, Ana Clara; Melo, Ane Cristina S.; Carvalho, Pietra; Santos, Larissa; Teixeira, Daniel. *Por trás da música, por dentro da memória*(\*).
- Nossig, B. (2017). In: Nossig, Bruno M.; Cardoso, Caio M. M.; Tanaka, Letícia; Vittorio, Pedro. *Quatro nós num quarto*(\*).
- Oliveira, A. C. (2017) In: Oliveira, Ana Clara; Melo, Ane Cristina S.; Carvalho, Pietra; Santos, Larissa; Teixeira, Daniel. *Por trás da música, por dentro da memória*(\*).
- Prada, L. (2017). In: Ribeiro, Eduarda F.; Prada, Larissa; Salles, Pedro; Roque, Stéphanie. *168 horas sem internet*(\*).
- Reis, J. (2017). In: Arcon, Artur Q.; Reis, Júlia G. A.; Cavalcante, Rosemeire de F., *O espelho do nosso amanhã*(\*).
- Roque, S. (2017). In: Ribeiro, Eduarda F.; Prada, Larissa; Salles, Pedro; Roque, Stéphanie. *168 horas sem internet*(\*).
- Rossini, M. C. (2017) In: Diseró, Bruna; Teixeira, Gabriela; Simonetti, Giovanna; Vieira, Letícia; e Rossini, Maria Clara. *Desacompanhadas: quando a comunicação ocorre ao estar só*(\*).
- Salles, P. (2017). In: Ribeiro, Eduarda F.; Prada, Larissa; Salles, Pedro; Roque, Stéphanie. *168 horas sem internet*(\*).
- Santos, L. (2017). In: Furtunato, Beatriz G.; Carvalho, Camila M. de.; Arneiro, Giovanna J.; Santos, Larissa V. dos. *Os concertos de música clássica como instrumento de pesquisa comunicacional*(\*).
- Schopenhauer, A. (1813/1946) *De la quadruple racine du Príncipe de Raison Suffisante*. Trad. J. Gibelin. Paris, J. Vrin, 1946.
- Simonetti, G. (2017). In: Diseró, Bruna; Teixeira, Gabriela; Simonetti, Giovanna; Vieira, Letícia; e Rossini, Maria Clara. *Desacompanhadas: quando a comunicação ocorre ao estar só*(\*).
- Souza, M. (2017). In: Nunes, Luccas; Cardoso, Luciana; Andrade, Maria Paula; Souza, Matheus; Navarro, Renato. *Relatos de um confinamento voluntário*(\*).
- Teixeira, G.. (2017). In: Diseró, Bruna; Teixeira, Gabriela; Simonetti, Giovanna; Vieira, Letícia; e Rossini, Maria Clara. *Desacompanhadas: quando a comunicação ocorre ao estar só*(\*).

(\*) Festival Metapórico 8ª Edição. São Paulo, ECA-USP, Arquivos FiloCom, 2017.